

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO

Presidente

WILSON FIGUEIREDO

Vice-Presidente

REDAÇÃO

MARCELO PONTES

Editor

PAULO TOTTI

Editor Executivo

MARCELO BERABA

Editor Executivo

ORIVALDO PERIN

Secretário de Redação

01 ABR 1996

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO

Diretor

EDGAR LISBOA

Diretor Agência JB

Os Dois Brasis

Para assumir o trono da França, Henrique IV abjurou o protestantismo declarando que Paris bem valia uma missa. Para aprovar a Reforma da Providência, Fernando Henrique Cardoso distribuiu uma empresa de telefonia de Rondônia, diretorias da Conab e de Furnas, a superintendência estadual da RFFSA e outros cargos. Pode-se chamar isso de realismo político ou de fisiologismo de resultados. Em ambos os casos, a História terá avançado por cima dos fanáticos e interesseiros.

No caso brasileiro, sem partidos autênticos nem programas coerentes, os políticos preferem caitituar vantagens miúdas e concretas a lutar por reformas abstratas que beneficiarão gerações futuras. Por isso transformam o voto em mercadoria. Desse produto depende o governo. Pagar o preço é a solução. Dai a concluir que Fernando Henrique abjurou suas idéias é retórica de oposição.

Ao deixar explícito o intenso comércio de cargos, o governo pretende acentuar sua condição de refém de segmentos políticos "não modernizáveis", mas com parcela considerável de poder. Ignorar que a vanguarda e o atraso convivem em todas as regiões e estados da federação é supina ingenuidade.

O Ceará de Paes de Andrade não é o mesmo de Tasso Jereissati, assim como o São Paulo de Gastone Righi não é o mesmo de Antônio Kandir, ou a Minas de Newton Cardoso não é a mesma de Eduardo Azeredo.

Todo o problema consiste em reduzir paulatinamente o espaço de poder dos representantes do atraso. Fazer com que o PMDB de Antônio Brito predomine sobre o de Jader Barbalho, com que o PFL de Gustavo Krause prepondere sobre o PFL de Zequinha Sarney, ou o PT de José Genoíno sobre o de Jair Meneguelli. Se há bancada suprapartidária de fisiológicos e interesseiros, também existem bancadas suprapartidárias de arejados e progressistas.

É sintomático que no momento em que o governo admite a barganha de votos para garantir a sustentabilidade do real, aqueles que mais se beneficiaram com ela se esforcem em ocultá-la. Gostariam que suas motivações miúdas continuassem na sombra, como se a discordância anterior aos favores concedidos fosse de ordem conceitual.

Isso é impossível. Cada vez o país se torna mais transparente em sua ambivalência e divisão interna. O fato auspicioso é que esta secessão potencial do Brasil esteja sendo resolvida pela negociação política e não pelo conflito declarado.